

21/05/2019

Humanização do Parto (I)

O direito humano mais humano

Carlos Cezar Miranda

[Médico Obstetra]

Não saberia iniciar minha participação nessa coluna sem me identificar com vocês. Sou médico ginecologista e obstetra de profissão e parceiro por amor. Lembro-me que meus primeiros passos como estagiário no Hospital Miguel Couto (Rio de Janeiro), isso nos anos 1971-1972, foram na Maternidade daquele Hospital que tinha um serviço de obstetrícia pleno de partos e ocorrências obstétricas muito variadas.

Os plantões eram de 24 horas e quando anoitecia, os médicos do estafe iam para o repouso e eu, ávido para aprender, permanecia acordado na sala de emergência. Em um desses plantões, fiquei conversando com Maria da Penha, uma auxiliar de enfermagem bastante simpática, calma, e que disse pra mim, ainda um estudante de quarto ano de medicina, que não precisava incomodar os médicos para pequenas dúvidas, pois ela era parteira por tradição de família, podendo passar seus conhecimentos práticos no que eu precisasse. Parece incrível que até hoje uso as dicas daquela mulher. Já se passaram 48 anos e cada parto que fiz e faço sinto-a do meu lado sussurrando em meu ouvido: *“não tenha medo doutorzinho, faça como lhe ensinei”*.

A medicina da época era muito mais humana, pois carecíamos de recursos tecnológicos, que nos obrigava a sermos mais próximos dos pacientes e a ter grande conhecimento de sinais, sintomas e ouvi-los com suas histórias, entendendo suas angústias e sofrimentos. Lembro-me de um professor que nos disse: *“o primeiro remédio de um paciente é o médico”*, traduzindo, em poucas palavras, o que é ser um médico.

No ano em que me formei, 1973, estagiei no Serviço de Maternidade do Hospital da Lagoa (RJ), cujo diretor era Humberto Gueiros, uma figura sensacional e com estórias incríveis de sua trajetória como médico vindo do interior do nordeste, mais precisamente Pernambuco, que, montado em um cavalo, visitava pacientes em pequenos sítios, se deparando com situações muito engraçadas, mas de pureza e sinceridade dignas de serem contadas. Uma delas, em que o marido da paciente ao recebê-lo em sua casa disse-lhe bem claramente: *“Dotô, minha mulher tá lá no quarto, mas quando for examinar, faça de conta que tá enfiando o dedo no cu de sua mãe”*.

Esse homem, Dr. Gueiros, percebendo meu interesse pela obstetrícia, me pegou pelas mãos e me deu a oportunidade de engajar-me com equipes de obstetras de altíssima qualidade técnica e humana. Via-se naqueles colegas, o carinho e a atenção com que lidavam com as pacientes.

Naquele Serviço, existia uma preocupação em preparar as gestantes para o parto e os cuidados com seus bebês. Foi ali que tive um convite para ministrar aulas para aquelas mulheres, me sentindo bem à vontade e estabelecendo uma relação de total interação com as mesmas, que quando chegavam ao Hospital, em trabalho de parto, me reconheciam e os partos aconteciam de forma tranquila e harmônica entre equipe, mãe e bebê. Nos dias de hoje, fala-se em humanizar o parto com o objetivo de coibir a avalanche de cesáreas que prevalecem, principalmente, nas maternidades privadas.

Temos a solução para esse fenômeno que se alastra por toda a América Latina. Porém, isso é papo para as nossas próximas colunas.

Fica aqui uma pergunta para reflexão: o que é humanizar o parto?

Não seria melhor começarmos pela humanização do médico? ■■■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.